

D I C I O N Á R I O
S E F A R A D I
D E S O B R E N O M E S
D I C T I O N A R Y O F S E P H A R D I C S U R N A M E S



Inclusive Cristãos-novos, Conversos,
Marranos, Italianos, Berberes e sua
História na Espanha, Portugal e Itália

*Including Christianized Jews, Conversos,
Marranos, Italians, Berbers, and their
History in Spain, Portugal and Italy*

4^A EDIÇÃO REVISADA

4RD EDITION REVIEWED

GUILHERME FAIGUENBOIM . PAULO VALADARES . ANNA ROSA CAMPAGNANO





P R E F Á C I O À 4^a E D I Ç Ã O

Esse dicionário foi escrito entre 1995 e 2003. A partir da sua publicação pela FRAIHA em 2003, ele deixou de pertencer aos autores e espalhou-se pelo mundo, chegando a lugares inimagináveis. Após dois anos saiu de novo pela FRAIHA a 2ª edição (corrigida), e logo esgotada. Nos EUA é publicada em P/B a 3ª edição (on-demand) pela AVOTAYNU.COM.

Jairo Fridlin, o valente publisher da SÊFER, lança agora a 4ª edição com todos os requintes da 2ª edição.

Ao longo dos últimos 17 anos os autores seguidamente confrontaram o conteúdo desse livro com nomes que surgem na mídia e literatura buscando corrigir erros e omissões. O Dicionário Sefaradi de Sobrenomes segue atual e forte.

Dedicamos essa 4ª edição à querida e saudosa Anna Rosa Campagnano (1937-2017) de abençoada memória.

P R E F A C E T O T H E 4^{T H} E D I T I O N

This dictionary was written between 1995 and 2003. Since its publication by FRAIHA in 2003, it has ceased to belong to the authors and has spread throughout the world, reaching unimaginable places. After two years, the 2nd edition (corrected) was released again by FRAIHA, and soon sold out. In the USA, the 3rd edition (on-demand) is published in B / W by AVOTAYNU.COM.

Jairo Fridlin, the brave publisher of SÊFER, now launches the 4th edition with all the refinements of the 2nd edition.

Over the past 17 years, the authors have repeatedly compared the contents of this book with names that appear in the media and literature seeking to correct errors and omissions. The Dictionary of Sefardic Surnames remains current and strong.

We dedicate this 4th edition to dear and missed Anna Rosa Campagnano (1937-2017), of blessed memory.

10

FOREWORD
Márcio Souza

20

INTRODUCTION
Guilherme Faiguenboim

25

HISTORICAL INTRODUCTION
Reuven Faingold

Jews in Spain: Myths and Legends
Visigothic Legislation – The Strength of the Councils: 450-711
Muslim Spain – The “Dhimi” Status: 711-1212
Christian Spain during the Reconquest: 1212-1492
Jews in the Royal Courts: 1148-1496
Pogroms and Forced Conversions: 1391-1506
Religious Controversy in Spain: 1263, 1412-1414
Literature against Converts and Christianized Jews
Expulsion Edicts: Spain, 1492 – Portugal, 1497
Jews in the Age of Discoveries
Exile and Redemption after the Iberian Expulsions
Iberian and Judaizing Inquisitions

79

THE SEPHARDIC DISPERSION
Paulo Valadares

101

SEPHARDIC ONOMASTICS
Guilherme Faiguenboim

153

SEPHARDIC SURNAMES DICTIONARY

154

HOW TO READ THE DICTIONARY

159

DICTIONARY FROM A TO Z

437

GEOGRAPHICAL GLOSSARY

453

BIBLIOGRAPHICAL REFERENCES

469

REFERRAL INDEX

525

THE AUTHORS

526

ACKNOWLEDGEMENTS

11
PREFÁCIO
Márcio Souza

21
APRESENTAÇÃO
Guilherme Faiguenboim

25
INTRODUÇÃO HISTÓRICA
Reuven Faingold

Judeus na Espanha: Mitos e Lendas
Legislação visigótica – a força dos Concílios: 450-711
A Espanha muçulmana – O status de dhimi: 711-1212
A Espanha cristã durante a Reconquista: 1212-1492
 Judeus nas cortes reais: 1148-1496
 Pogroms e conversões forçadas: 1391-1506
Controvérsias religiosas na Espanha: 1263, 1412-1414
 Literatura *versus* conversos e cristãos-novos
 Éditos de expulsão: Espanha, 1492-Portugal, 1497
 Judeus na era das descobertas
 Exílio e redenção após as expulsões ibéricas
 Inquisições ibéricas e judaizantes

79
A DISPERSÃO SEFARADI
Paulo Valadares

101
ONOMÁSTICA SEFARADI
Guilherme Faiguenboim

153
DICIONÁRIO SEFARADI DE SOBRENOMES

155
COMO LER O DICIONÁRIO

159
DICIONÁRIO DE A A Z

437
GLOSSÁRIO GEOGRÁFICO

453
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

469
ÍNDICE REMISSIVO

525
OS AUTORES

527
AGRADECIMENTOS

FOREWORD

A DICTIONARY TO REFRESH BRAZILIAN MEMORY

Márcio Souza

During my second trip to Israel, when I was on an official mission to renew the cultural agreements between Brazil and that country, I participated in an informal luncheon offered by Israeli diplomats on a sunny Jerusalem afternoon. It was in an Italian restaurant, set on a hill of stone and scorched sand by the walls of the old city, near the Cinematheque. At the end of the repast, a distinguished Israeli diplomat made a speech, rejoicing with the Brazilians for the renewal of the cultural agreement, pleased that the bonds between the two nations were becoming tighter, because he was worried in knowing that in Brazil the population of Arabic origin numbered almost twenty million individuals, against not more than three hundred thousand Jews.

The assertion, uttered in that typically Israeli abrupt manner, shocked me. First, because in Brazil, although it is a country built by transmigrated people, some compulsorily, as slaves, others as immigrants driven by indigence, no one defines himself for his ethnic origins. Contrary to the United States, for example, where there are no North-Americans, but Italian-Americans and Afro-Americans, in Pindorama everyone is Brazilian, and that is that. Even if they have big almond-eyes, are red-haired or red-skinned. Second, the Israeli diplomat's concern was absolutely unfounded, for it was based on a totally mistaken demography. To begin with, he was only considering the synagogue Jews, mostly orthodox, living in Southern Brazil, some of them recently arrived in the country, but we must remember that Jews were in Brazil from day one on.

Since it would be inappropriate for me to answer our host, and the head of our mission said nothing, I waited for the lunch to end before approaching the diplomat. When we were leaving, I accosted him and suggested that next time he should update his statistics about the Brazilian population. If he did that, he would rid himself forever of the fear of Arab supremacy in Brazil, whatever that meant. Unfortunately, I did not have sufficiently solid arguments to convince the Israeli.

Later, in reading the late professor Samuel Benchimol's book, Eretz Amazônia, I started to realize that the diplomat's affirmation was pure nonsense.

Professor Samuel Benchimol took it upon himself to visit every Jewish cemetery in the Amazon, listing all the surnames. Later, tracking these surnames, he was able to determine with certainty which were the Amazonian families of Jewish origin, extrapolating as in the case of the surname Assayag, nowadays used by thousands of families, many of them assimilated and converted to Christianity.



PREFÁCIO

UM DICIONÁRIO PARA REFRESCAR A MEMÓRIA BRASILEIRA

Márcio Souza

Na minha segunda viagem a Israel, quando fui em missão oficial para a atualização dos acordos culturais entre o Brasil e aquele país, participei de um almoço informal oferecido pelos diplomatas israelenses, numa ensolarada tarde de Jerusalém. O restaurante, de comida italiana, ficava encravado numa encosta de pedra e areia crestada, nas proximidades dos muros da cidade velha, próximo à Cinemateca. No final do repasto, um graduado diplomata israelense discursou, rejubilando-se com os brasileiros pela renovação do acordo cultural, estimando que os laços se estreitassem cada vez mais entre as duas nações, já que se mostrava preocupado por saber que no Brasil a população de origem árabe já contava com quase vinte milhões de indivíduos, contra não mais que trezentos mil judeus.

A afirmação, dita naquela forma brusca tipicamente israelense, deixou-me chocado. Primeiro, porque o Brasil, embora seja um país formado por gente transplantada, alguns compulsoriamente como escravos, outros como imigrantes tangidos pela miséria, ninguém se define por suas origens étnicas. Ao contrário dos Estados Unidos, por exemplo, onde não há estadunidenses, mas ítalo-americanos e afro-americanos, em Pindorama todo mundo é brasileiro e acabou. Mesmo que tenha olhos rasgados, cabelos ruivos ou pele vermelha. Em segundo lugar, a preocupação do diplomata israelense era absolutamente infundada, pois se baseava numa demografia totalmente equivocada. Para começar, ele apenas estava contabilizando aqueles judeus de sinagoga, na sua maioria ortodoxos, habitantes do Sul do Brasil, alguns recém-chegados ao país, se levarmos em conta que o Brasil teve judeu desde o seu primeiro dia.

Como não ficava bem responder ao anfitrião, e muito menos o nosso chefe de missão se manifestou a respeito, esperei o final do almoço para abordar o diplomata. Na hora da saída, aproximei-me dele e fui sugerindo que da próxima vez compatibilizasse melhor suas estatísticas sobre a população brasileira. Se assim procedesse, livrar-se-ia para sempre dos temores de uma supremacia árabe no Brasil, seja lá o que isto signifique. Infelizmente eu não contava com argumentos realmente sólidos para convencer o israelense.

Mais tarde, lendo o livro do saudoso professor Samuel Benchimol, *Eretz Amazônia*, é que comecei a perceber que a afirmação do tal diplomata não passava de um disparate.

O professor Samuel Benchimol se dera ao trabalho de visitar todos os



APRESENTAÇÃO

Guilherme Faiguenboim

A partir de sua fundação em 1994, a Sociedade Genealógica Judaica do Brasil tem feito pesquisas regularmente publicadas em seu jornal *Gerações/Brasil* e em outras publicações no Brasil e no exterior.

Talvez por isso a Sociedade Genealógica tenha passado a receber grande quantidade de cartas e e-mails de brasileiros não-judeus sobre suas origens sefaradis e de cristãos-novos.

Percebemos que a literatura a respeito desse tema era muito dispersa e nada sistematizada, que dificultava a pesquisa e comprometia sua precisão.

Em 1993 foi publicado *A Dictionary of Jewish Surnames From the Russian Empire* de Alexander Beider, que se transformou em ferramenta obrigatória para a genealogia dos judeus ashkenazitas. A obra de Alexander Beider mostrou-nos o caminho para progredir na pesquisa sistemática dos nomes das famílias de cristãos-novos e sefaradis.

Em 1995, Paulo Valadares, Anna Rosa Campagnano e eu iniciamos a coleta das primeiras fontes bibliográficas, bem como a desenvolver métodos de seleção, transcrição e armazenamento de dados.

Quando da elaboração deste dicionário utilizamos um PC386 com 80 MB de HD e, seis anos depois, um Pentium IV com 20 GB de HD. A planilha EXCEL foi a principal ferramenta de trabalho, assim como o banco de dados.

Quase todos os dias eu me perguntava como Alexander Beider escrevera o seu dicionário sem as facilidades do computador, sem o auxílio da Internet, sozinho e na União Soviética dos anos que antecederam o fim do comunismo.

Foram utilizadas 335 fontes, integral ou parcialmente. Anna Rosa Campagnano revelou-nos ricas fontes italianas, francesas, norte-africanas e do mar Egeu nas diversas viagens que fez à Europa. E também brasões e emblemas familiares que surpreendem pela beleza.

As fontes são de natureza variada: livros de crônicas e História, dicionários onomásticos, enciclopédias, fotos de lápides, listas de casamentos, listas de circuncisões, listas de moradores de localidades, listas de cemitérios, árvores genealógicas, listas de sinagogas, Internet, revistas comunitárias, revistas genealógicas etc.

Como se pôde constatar, as fontes medievais (anteriores ao Édito de Expulsão de 1492) foram poucas, mas estratégicas e extremamente valiosas, pois indicavam a forma original a partir da qual iriam evoluir boa parte dos nomes sefaradis. À medida que seguíamos pela linha do tempo em direção ao século 20 a quantidade de fontes aumentava, muitas delas se superpondo a outras. A percepção desse detalhe desencadeou novos rumos, pois permitiu-nos confirmar muitos sobrenomes e descartar outros.

No início, calculamos que a obra reuniria no máximo mil sobrenomes sefaradis. Em 2002 esse número já ultrapassara os 16 mil, isso após termos eliminado cerca de 25 mil nomes nomes que apresentavam erros ortográficos incontornáveis ou por não serem genuinamente sefaradis.

Ou seja, de cada três nomes coletados só restou um ao final do nosso trabalho. As razões para essa “taxa de mortalidade” tão alta se deve a erros de transcrição ou de transliteração, erros de digitação ou de datilografia cometidos por pessoas não familiarizadas com os nomes sefaradis. As nossas fontes, especialmente as mais modernas, apresentam grande número de nomes não-sefaradis. Em geral, são ashkenazitas e mesmo não-judeus (convertidos ou não) que passaram a pertencer às comunidades sefaradis (provavelmente por meio de casamentos). Os nomes constavam nas fontes (o que é correto) mas foram eliminados, pois o nosso objetivo foi escrever um dicionário de sobrenomes sefaradis e de cristãos-novos, e nada além disso..

Em Amsterdã, Hamburgo, Londres, Bordeaux, Bayonne, Salvador e Recife (Brasil), Lima, Suriname, Jamaica, e muitos outros lugares, surgiram e prosperaram comunidades sefaradis singulares formadas por famílias de cristãos-novos (isto é, convertidos à força ao catolicismo entre 1391 e 1492 na Espanha e em 1497, em Portugal). Essas famílias escaparam da Península Ibérica e da intolerância da Inquisição e saíram em busca de cidades mais tolerantes. Nessas novas cidades desenvolveram uma identidade própria, uma riquíssima produção intelectual (Spinoza), religiosa (Aboab da Fonseca, Sasportas, Menasse ben Israel) e política (Montefiore, Disraeli). A Sinagoga Portuguesa de Amsterdã é o testemunho da grandeza dessa comunidade de cristãos-novos formada no início do século 17. Convertidos ao catolicismo em 1497, fugindo da Inquisição e retornando ao judaísmo quase 100 anos depois, muitas dessas famílias participaram da aventura holandesa de Maurício de Nassau em Pernambuco.

Era necessária uma pequena apresentação que permitisse ao leitor entender melhor o contexto histórico que deu origem aos sefaradis e aos cristãos-novos. Assim, dividimos essa história em duas partes: da Antiguidade até a expulsão dos judeus; e da dispersão (após a expulsão) dos sefaradis até o século 20. A primeira parte foi escrita pelo professor Reuven Faingold, doutor em História pela Universidade Hebraica de Jerusalém. Ele descreve a mentalidade da época, tanto dos judeus como dos católicos. Isso permite ao leitor entender as motivações dos dois grupos que culminaram na expulsão de centenas de milhares de pessoas que lá viviam há mais de 15 séculos.

A segunda parte coube ao professor Paulo Valadares, historiador pela PUC-CAMP e mestrando pela Universidade de São Paulo sob a orientação da professora Anita Novinsky.

Ao ler este dicionário, o leitor atento perceberá a extraordinária saga de dezenas de milhares de famílias sefaradis ao longo desses seis séculos, vivendo entre portugueses, espanhóis, mouros, berberes, marroquinos, argelinos, tunisinos, sírios, egípcios, italianos, franceses, alemães, ingleses, holandeses, gregos, turcos, búlgaros, macedônios, bósnios, húngaros, mexicanos, panamenhos, dominicanos, jamaicanos, venezuelanos, surinameses, brasileiros, argentinos, chilenos, peruanos e caribenhos, expressando-se em dezenas de línguas, escrevendo em cinco alfabetos e exercendo grande variedade de profissões.

São Paulo, julho de 2003



JUDEUS NA ESPANHA: MITOS E LENDAS

Durante a expulsão dos judeus da Espanha, em 1492, surgiu a necessidade entre os próprios exilados (megurashim) de atestar sua antiguidade e sua ancestralidade na Península Ibérica. Os judeus do século 15 constantemente se perguntavam: Quando chegaram nossos ancestrais à Sefarad? Que direitos obtiveram sobre estas terras? Que função exerceram nas diferentes sociedades que tiveram como “governantes de plantão” povos bárbaros, árabes e cristãos? Nas respostas a essas perguntas, buscavam uma espécie de consolo para superar as numerosas dificuldades derivadas da irreversível decisão dos Reis Católicos de expulsá-los e assim purificar o país.

No entanto, além de meras explicações sobre um glorioso passado, procuravam fundamentos ou justificativas de caráter apologético, ou seja, tentavam demonstrar legalmente que esse direito de residência (fruto de um árduo trabalho de colonização) fora adquirido de forma legítima por todos aqueles israelitas que habitavam a Espanha desde tempos remotos.

As crônicas espanholas quase não tratam da chegada dos judeus à Espanha. O primeiro texto que faz referência ao tema é a *Refundição da Crônica* de 1344, supostamente escrito por um converso de Toledo no século 15. Os judeus sempre afirmaram que se estabeleceram em território espanhol bem antes da destruição do Segundo Templo (70 d.C.), afastando essa data até os dias do rei Salomão. A documentação existente não esclarece se esses judeus vieram por vontade própria ou perseguidos. A versão insistentemente contada era que eles chegaram à Espanha muito antes da crucificação de Cristo.

Após a publicação da *Refundição* apareceram vários outros cronistas que mencionaram a chegada e a contribuição dos judeus à civilização espanhola: Luis del Marmol Carvajal, ao falar da revolta dos mouros em Granada, assinala a chegada dos judeus a essa cidade; segundo textos judaicos, o jesuíta Juan de Mariana cita, na sua *Historia de España*, localidades que foram construídas por judeus, como Toledo (Toledot), Escalona (Asquelon), Noves (Nobe), Maqueda (Magedon/Meguido), Yepes (Jope/Jaffo). Todos nomes de cidades da Espanha e de Israel provenientes do hebraico. Mariana descreve também a colonização judaica na cidade de Mérida desde os tempos de Tito e Vespasiano, imperadores romanos.

Conforme as fontes judaicas, a chegada dos judeus à Ibéria está vinculada à obra de Heráclio, Pirro e Hispano. Eles reconheceram a antiguidade do judaísmo em solo peninsular e fizeram um convite à população hebréia para que contribuíssem intensamente à sociedade hispânica. Os sábios Isaac Abravanel e Salomão Ibn Verga não deixam dúvidas acerca da antiguidade dos judeus em Sefarad. Os comentários de Abravanel ao Livro dos Reis (Abdias versículo 20 e Zacarias 12:7)

contêm importantes contribuições para entender a chegada dos judeus à Península Ibérica. Em 1493, no comentário ao Livro dos Reis, Abravanel assinala que “foi o rei Pirro quem trouxe habitantes de Jerusalém pertencentes às tribos de Judá, Benjamin, Simão, Levitas e Sacerdotes, e muitos outros homens, por própria vontade...”. No mesmo texto, ele ainda faz referência a duas cidades situadas em Castela: Lucena e Toledo.

As afirmações de Isaac Abravanel merecem um estudo detalhado, pois, o fato de ele ter dado maior destaque às localidades que têm relação com lugares bíblicos, sem dúvida é um contundente recurso para demonstrar a antiga presença dos judeus na Ibéria. Afinal, não se pode duvidar de uma afirmação sustentada pela Bíblia.

Para os judeus da Espanha, a tradição relacionada com suas origens era de extrema importância. Salomon Ibn Verga, na sua obra *Vara de Iehudá*, nos faz entender a força dessa tradição. No diálogo entre dois personagens da história, o rei Alfonso e o sábio Tomás, o imperador diz: “não há nenhum povo que possa testemunhar os inícios de Espanha como o povo judeu...”. O rei continua, afirmando que os godos seriam os descendentes de Gad, filho de Jacó. Já o sábio Tomás relembra “o papel que tiveram Pirro e Hispano na conquista de Jerusalém em tempos de Nabucodonosor, e o destino dos exilados trazidos à antiga Espanha, ou seja, Andaluzia e Toledo”.

Uma outra fonte a ser considerada é uma carta achada na Guenizah,* onde se menciona que os judeus de Pumbedita, na Babilônia, se reportam aos judeus da Espanha. Segundo essa carta, durante a época de Alexandre Magno, “os babilônios teriam aconselhado os sábios de Jerusalém a ir para a Espanha, uma vez que ali se encontravam sábios do primeiro exílio”. Esse documento reafirma a sabedoria e erudição rabínica existentes na longínqua Espanha.

Outra rica fonte judaica é o sábio Abram Ibn Daud. Ele recolheu uma antiga tradição relacionada ao povoamento da Espanha por judeus. Segundo Ibn Daud, a colonização judaica começou em Mérida, onde morava “um bordador de tapetes e especialista em trabalhos de seda chamado Baruch; estabelecido com toda sua descendência”. Lá havia também uma congregação judia muito antiga. A respeito de Granada, escreveu que “seus habitantes eram descendentes de Judá e Benjamin, todos vindos de Jerusalém, a Cidade Santa, e não de aldeias rurais”.

O estabelecimento de centros urbanos como Lucena, Sevilha e Granada foi efetuado por famílias judias da alta sociedade.

Na obra poética *Darchei Noam* (Caminhos agradáveis), Moisés ben Rabi Semtov Ibn Habib escreveu: “Doy fé, por los cielos y la tierra, que al encontrarme en el reino de Valencia, en la comunidad de Murviedo, me dijeron todos los que estaban congregados a la entrada de la ciudad, que allí se encontraba el sepulcro del jefe del ejército de Amasías, rey de Judá.”

*GUENIZAH: Recinto onde se guardam livros sacros danificados que, por lei religiosa, não podem ser destruídos.



Onomástica é o estudo da etimologia, transformação e morfologia dos nomes próprios das pessoas

1

VERBETES, FORMAS BÁSICAS E VARIANTES

Este dicionário é composto por 16.914 diferentes nomes, apresentados sob 11.831 verbetes. Cada verbete contém a forma básica e as possíveis variantes ortográficas de um mesmo nome de família. Exemplo: o nome ABOAB é a forma básica, a mais freqüente; ABOAV e ABOUHAB são duas de suas formas variantes. Não julgamos conveniente separar ABOAB, ABOUHAB e ABOAV em verbetes distintos, visto que as três formas têm o mesmo significado, conviveram no mesmo espaço e tempo, e suas diferenças ortográficas são meramente acidentais.

Não faltam razões para haver tantas formas variantes. Entre os ashkenazim ocorre o mesmo. Talvez esse fenômeno seja atribuído a movimentos migratórios dos judeus portugueses e espanhóis.

Os sefaradis adotaram sobrenomes hereditários entre os séculos 14 e 16. Além disso, eles passaram, em média, por três migrações em massa nos últimos cinco séculos.

Os ashkenazim adotaram sobrenomes hereditários bem mais tarde, já no início do século 19, e basicamente passaram por uma só grande migração em massa (1880-1920). Houve diversos movimentos migratórios anteriores a 1880, mas nessa época os ashkenazim ainda não possuíam sobrenomes hereditários.

Cada movimento migratório afeta profundamente a estabilidade lingüística e ortográfica dos sobrenomes. O imigrante não muda unicamente de país: muda também de língua e freqüentemente de alfabeto. Adequado na língua de origem, o sobrenome passa a soar estranho, difícil de escrever, podendo tornar-se pejorativo e até mesmo difícil de ser pronunciado. Começa assim o processo de erosão, de aplainamento do nome, com mudanças na grafia. Exemplo: o nome sefaradi de origem árabe SAUAYA num primeiro momento ocidentalizou-se para SAWAYA e, depois, tomou ares de nobreza como SAVOYA. Outro exemplo é da família HUERIN, de Alepo. Ao imigrar para o Ocidente as consoantes foram mantidas e as vogais alteradas. Tornou-se HORN, nome que passaria tranquilamente por ashkenazi, não fossem seus legítimos representantes pessoas importantes na comunidade sefaradi.

De acordo com o critério adotado, só dois fenômenos justificariam a separação desses nomes em diferentes verbetes:

a) Quando a forma variante for medieval, tendo caído em desuso há vários séculos. São fósseis onomásticos, nomes inexistentes após a Revolução Francesa. As formas medievais são referências preciosas para o pesquisador. Elas sinalizam a origem de muitos nomes modernos, uma verdadeira arqueologia onomástica, por essa razão, optamos por mantê-las em verbetes separados.

exemplo: a forma básica CASSAB (açougueiro) está presente entre os sefaradis de Alepo, da Argentina e do México. O verbete CAÇABY é uma forma variante medieval e fossilizada que, no século 14, foi usada por uma família judia de Évora, em Portugal. Outro exemplo são os verbetes CAZES e KAZEZ, nomes encontrados modernamente em Gibraltar, Tunísia, Marocos, Turquia, Grécia e América do Sul. No século 15 há o registro de CAZES em Portugal.

b) Quando a forma variante é moderna, porém observada em cidade ou região distintas daquelas da forma básica. Exemplo: a forma básica ALTARAS é muito difundida por todo o Mediterrâneo, mas a forma variante moderna ALTARAC (cuja pronúncia é “altaras”) é específica da Bósnia. Dessa forma, o leitor poderá conhecer a origem geográfica da forma variante ALTARAC. E notar também que o “c” eslavo usado no final das palavras tem o valor do “s” ou “ss” das línguas da Europa Ocidental, reflexo da influência do alfabeto cirílico naquela região.

2

TRANSLITERAÇÕES, LÍNGUAS E ALFABETOS

Alguns nomes percorreram uma longa jornada de cinco séculos e conseguiram manter sua integridade. Uns menos, e outros quase nada.

Tomemos o exemplo da família medieval SARRAFE, de Évora, Portugal, e seus primos de Toledo, os AÇARRAFE. Depois da Grande Expulsão do final do século 15 eles se estabeleceram no norte da África. Ali o nome foi transliterado do alfabeto latino para o alfabeto árabe, sofrendo, durante quatrocentos anos, forte influência dos padrões onomásticos locais do Marrocos e da Argélia. O Sarrafe original desdobrou-se em sete formas: Assaraf, Azeraf, Sarraf, Serrafe, Seraf, Benazeraf, Benazeref. No início do século 19, membros dessa família novamente cruzaram o Mediterrâneo e se estabeleceram em Gibraltar, onde o nome foi transliterado para Serrafe, dessa vez do árabe para o alfabeto latino. Na mesma época, outras famílias partiram do Marrocos e cruzaram o Atlântico Sul rumo à



11

LISTA DOS SOBRENOMES SEFARADIS MAIS CITADOS

(classificada por número de fontes)

Cada verbete indica as fontes (livros, listas etc.) em que foram encontrados indivíduos com aquele nome de família. Os nomes podem aparecer em muitas fontes, em poucas, ou numa única fonte.

Assim, quanto maior o número de fontes em que aparecer, mais genuíno será o nome sefaradi. O número de fontes pode ter origem:

Na notoriedade: a importância que uma família ou mesmo um só indivíduo representou para a sua comunidade. Exemplo: Montefiore, Abravanel, Disraeli, Aboab;

No contingente demográfico: grande número de pessoas e famílias que usam determinado sobrenome, mesmo não sendo parentes entre si. Exemplo: Sarfati, Askenazi, Gabbay, Nuñes, Mendes, Leon, Cardozo.

Assim, o leitor vai encontrar na Lista dos sobrenomes sefaradis mais citados não só nomes muito difundidos entre os sefaradis, como também nomes de famílias pouco numerosas das quais emergiram pessoas ilustres. São o equivalente sefaradi dos Rothschild, presentes em quase todas as fontes modernas, mas demograficamente pouco expressivos se comparados aos Goldman e Rosenberg.

Os nomes Cohen, Levy e Israel não aparecem nessa lista, pois foram relacionados parcialmente a título de exemplo. Do contrário, certamente Cohen e Levy estariam no topo da lista, e Israel estaria entre os trinta maiores.

- 1- Leon (de) /Leão /Leone /Lyon /Lion /Lione
- 2- Sarfati /Sarfatis /Sarfaty /Serfaty /Serfati /Sarfate /Sarfatti /Sarphati /Zarfati
- 3- Rodrigues /Rodriguez /Rodrigue /Rodric /Rodrig /Rodrique /Roderiques
- 4- Henriques /Henriquez /Enriques /Enriquez /Henrique
- 5- Benveniste /Benvenisti /Benbeniste /Bienveniste /Bemveniste
- 6- Gabay /Gabai /Gabbai /Gabbay /Abengabay /Bengabay /Gubbay
- 7- Cardoso /Cardosa /Cardozo /Cardoza /Cardoze /Cardosso /Cardozzo
- 8- Attia /Attiah /Attias /Attiya /Athias /Athia /Atias /Atia /Atijas /Atya
- 9- Castro (de) /De Castro /Decastro /di Castro /Craсто
- 10- Perez /Peres Pinto (de)

- 221- Elia /Elie /Eliya /Eli /Ely /Elya
 222- Emmanuel /Emanuel /Imanuel /Manoel /Manuel
 223- Guedalia /Guidalia /Guedalla /Ghedeglia /Ghedelha /Ghidalia /Ghidilia /Ghedaglia
 224- Marcos /Marcus
 225- Martins /Martines /Martinez /Martin
 226- Moises /Moise /Moyse /Mose /Moses /Moshe /Mossé
 227- Morais /Moraes
 228- Ottolenghi /Ottolanguì
 229- Palache /Pallache /Palachi /Palatche /Palatchi /Palatgi
 230- Pesaro /Pezaro /Pesero /Pesaro Maurogonato /Pesaresi
 231- Porto (di) (de) (do)
 232- Setton /Seton /Settyon /Sethon /Setehon /Settehon
 233- Teglio /Teglia /Telio /Telias
 234- Alaluf /Alalouf /Allaluf /Allalouf /Allalou /Aleluf
 235- Benjamin /Benjamim
 236- Bondí /Bondy
 237- Calo /Callo
 238- Cohen de Lara /Cohem de Lara /Cohen Lara /Acohen de Lara
 239- Gutierrez /Gutieres /Guttieres /Guttierres /Gutierres /Guttierrez /Guterres /Guterrez
 240- Kadosh /Kadoch /Kaddouche /Kadouch /Kados /Cados /Cadosh /Cadoshe
 241- Lasry /Lasri
 242- Obadia /Obadiah
 243- Roffe /Rofé /Rofe
 244- Rosanes /Rozanes /Rozanis
 245- Ruben /Rubens /Reuben
 246- Sola (de) /Solla /Solás /Sollas
 247- Strugo /Strougo /Estrugo /Estrougo /Sitruk /Setrouk /Strouc /Strouk
 248- Tawil /Taweel /Taouil /Touil /Tuil /Etuil
 249- Valença /Valencia /Valentia
 250- Villareal /Villa Real /Vila Real /Vilareal /Villareale

Aaron/Arão; *Leiria, Algeria, Constantine, Oran, Biskera, Bône, Tunisie, Maroc, Italia, Salonika, Rhodes, Corfu, London, Ciudad de Mexico, Rousse, Rio de Janeiro, Buenos Aires;* (B); **Aharon;** *v. Ex 4:14;* bef. 1492; ALL, ALT, BFG, CEBA, CMI, DSBM, EIS, HAM, JAN, JGFF, OSM, RAH, ROL, ROS, TAV; Inquisição de Lisboa
Aba; *Smyrna, Buenos Aires;* (C); **pai; father;** DOV, CEBA
Ababa; *Pinhel;* bef. 1492; TAV
Abaca/Abaco; *Guimarães, Pernes;* bef. 1492; TAV
Abacassis; *London;* (O); **sacerdote não-muçulmano; Non-Muslim priest;** ANT; *v. Abecassis*
Abadi/Abady/Abade/Abadie/Abadia/Abada/Abadee; *Aleppo, Damascus, Syria, Lebanon, Cairo, Alexandria, Tripoli, Trieste, Milano, Nice, São Paulo, Rio de Janeiro, Jerusalem, London, Manchester, New York, Ciudad de Mexico, Panama, Paris, Tantan, Maroc, Buenos Aires, Argentina;* (B); **servo de Deus; Av Beth Din; God servant; Av Beth Din;** AAEA, ABF, AMI, BIG, BYSP, CEBA, CHE, CKRJ, CKSP, CSPA, DOD, DBPN, ELN, HAM, HIAS, JAC, JE42, JGFF, MHSP, MOK, MSSP, PIC, PSA, RAH, SEF, SEH, SMO, SUT, ZUB; Mordechai Abadi (1826-1876), rabino em Alepo
Abadias; *Toledo;* (B); **servo Dele; His servant;** bef. 1492; EXP
Abaf Blondon; *Amsterdam;* (X); REM; *v. Aboaf*
Abagir; *Toledo;* bef. 1492; EXP
Abaiif; *Béja, Tunisie;* GRT; *v. Abaiuf*
Abaiuf/Abaiu/Abayu; *Celorigo da Beira, São Vicente da Beira, Castelo Branco, Buenos Aires;* bef. 1492; CEBA, TAV; *v. Babaiouf, Avayou, Abayud*
Abam; *Elvas;* bef. 1492; TAV
Abanaço; *Viseu;* bef. 1492; TAV
Abandalac/Abandalak/Abendalack; *Amsterdam;* (O); **massagista; masseur;** KPIA, VAZ, VSO; *v. Abdalhach, Abendala, Bendelac*
Abano; *Covilhã;* bef. 1492; TAV
Abanzão; *Viseu;* VIS
Abarbanel; *Sevilla, Italia, Amsterdam, London, Salta, Barbados;* (P); **hypo> Abraham;** BMBM, FAB, HYA, JGFF, JMR, KPIA, PIS, PSA, SAM, SWE, VSO, ZUB; *v. Abravanel*
Abarbanel Aredes; *Amsterdam;* (X); KPIA, VSO; *v. Abravanel*
Abarbanel Barbosa/Abarbanel Barboza; *Amsterdam, Surinam;* (X); GAVO, JMR; *v. Abravanel*
Abarbanel Dormido; *London;* (X); HYA; *v. Abravanel*
Abarbanel Lindo; *London;* (X); HYA; *v. Abravanel*
Abarbanel Sousa/Abarbanel Souza/Abarbanel de Souza; *Bayonne, Amsterdam;* (X); JMR, KPIA, LLY, SWE, VSO; *v. Abravanel*
Abarbanell; *Butrimoniai, Lituania (Latvia);* (P); **hypo> Abraham;** MOK; *v. Abravanel*
Abarca; *Galicia;* GIN
Abarezque/Abarez/Abarrizo; *Messejana, Beja (Port);* bef. 1492; TAV
Abassi/Abbasi/Abasse/Abasse; *Tudela, Buenos Aires;* bef. 1492; BAE, CEBA; Jacob ben Moshe ibn Abassi (séc. 13), tradutor hebraico de Huesca, Espanha
Abastado; *Salonika, Smyrna, Paris;* (C); **rico; rich;** BLA, CMI, DOV, JAC, JGFF, MOK, VID
Abato; *Tunisie;* ALL
Abaud; *Chile;* CHI
Abayud/Abay; *Alverca, Toledo, Abrantes;* bef. 1492; EXP, TAV; *v. Abaiuf*
Abbas/Abaz/Abas; *Leiria, Lisboa, Mogadouro, Santarém, Portugal, Zaragoza, Maroc, Alexandria, Salonika, Denmark, Hamburg, Amsterdam, Hunt's Bay, Jamaica, Curaçao, Buenos Aires;* (A); **leão; lion;** bef. 1492; AAEA, ABO, BAR, BLA, CEBA,

EJU, EMM, HAL, JGFF, JMR, KPIA, LAR, LCF, MOK, REM, SWE, TAV, VAZ, VSO; *v. Abenabas;* Moshe ben Samuel Abbas (1350-1420), talmudista em Saragoça; outrora Dias Jorge
Abbate/Abbati; *Tunisie;* (O); **vendedor ambulante; peddler;** ALL, JAN
Abbina/Abbini; *Roma;* (A); **havaná (hebr.), inteligência; havannah (Hebrew); intelligence;** CEI, CERO, MIL
Abbo; *Panama;* (B); **servo de Deus; God servant;** CSPA; *v. Abbud*
Abbou/Abbu; *Casablanca, Meknès, Rabat, Ksar-el-Souk, Beni Mellal, Constantine, Erfoud, Algeria, Oran, Mostaganem, Bône, Guelam, Médéa, Relizane, Sidi bel Abbès, Tunis, Sousse, Sfax, Béja;* (B); **servo de Deus; God servant;** ALL, EIS, GRT, JAN, LAR
Aboudi; *Sudan, London;* (B); **servo de Deus; God servant;** ANT, MAL
Abud/Abbo; *Aleppo, Rio de Janeiro, Panama;* (B); **servo de Deus; God servant;** CKRJ, CSPA, DOD
Abcerraz; *Pinhel;* bef. 1492; TAV
Abdalá; *Corfu, Italia, Rio de Janeiro;* (B); **servo de Deus; God servant;** ARI, CKRJ, FUN, PIS, ZUB
Abdalboch; *Mallorca;* bef. 1400; JAU
Abdalhach/Abdalah; *Mallorca, Espanha;* (O); **polidor; polisher;** bef. 1400; BAE, JAU; *v. Bendelac*
Abdalla/Abdallah; *Toledo, Aleppo, Yemen, Maroc, Sudan;*



ABDALA

CORFÚ - VENEZIA

(B); **servo de Deus; God servant;** bef. 1492; DOD, EJU, EXP, JAN, JTO, MAL, ZUB
Abdel; *Egypt, São Paulo;* HIAS
Abdela/Abdelas; *Janina, Corfu, Italia, London;* (B); **servo de Deus; God servant;** HAL, MOI, PIS, ZUB
Abdelhac/Abdelhak; *Marrakech, Zaouya di Sidi Rahal, Casablanca, Maroc, Buenos Aires;* (B); **servo de Deus; God servant;** CEBA, EIS, JAN; *v. Abdalhach*
Abdelquerim; *Toledo;* bef. 1492; EXP
Abdeotedo/Abdaotadou; *Salonika;* HST
Abdias; *Bragança, Tunis;* (B); **servo Dele; His servant;** bef. 1492; ATT, LKA, TAV
Abdon/Abdoun; *Toledo, Roma, Algeria, Maroc;* (B); **servo Dele; His servant;** bef. 1492; EIS, EXP, JTA, MIL
Abdus/Abdo; *Toledo, Buenos Aires;* bef. 1492; CEBA, EXP
Abecar/Abekar/Abecacara; *Estremoz, Évora, Lisboa, Montemor-o-Novo, Nisa, Porto, Toledo, Amsterdam;* bef. 1492; AND, EXP, GON, REM, TAV; *v. Beatar*
Abecasis/Abecassis; *Minorca, Malta, Egypt, Gibraltar, Portugal, Homs, Tripoli, Tunisie;* (B); **Cassis (Js 18:21); Cassis (Josh 18:21);** ABE, ALL, CPTU, HAL, JES
Abear; *Portalegre, Leiria, Évora, Serpa;* (X); bef. 1400; FER, TAV; *v. Beatar*
Abecassis/Abecassiz/Abecasis/Abucassis; *Ponta Delgada, Lisboa, Faro, London, Malta, Gibraltar, Bordeaux, Strasbourg, Cairo, Marrakech, Casablanca, Tetuán, Rabat-Saleh, Tanger, Larache, Fès, Mogador-Essaouira, Safi, Meknès, Oran, Mascara, Lamoricière, Arzew, Batna, Maroc, Petrópolis, Rio de Janeiro, São Paulo, Belém, Maués, Manaus, Amazônia, Buenos Aires, Rosario;* (O); **sacerdote não-muçulmano; Non-Muslim priest;** ABE, BEL, BIG, BMBM, CEBA, CKSP, DBPN, DSBM, EFSE, ELN, GHRJ, HAL, HYA, JAN, JDE, JES, JGFF, JTO, LAR, OCI, PIC, PSA, SBE, SER, SHA, SIEF, SIFX, TOL, YCMI, ZUB; José Maria Raposo de Sousa Abecassis (Lisboa, 1938), autor de *Genealogia Hebraica Portugal*

Z



- Zaba**; Lisboa; bef. 1492; TAV; *v. Saba*
- Zabal/Zabali**; Fès, Casablanca, Maroc; (C); **montanhês; mountaineer**; EIS, JAN, LAR
- Zaban/Zabban**; Ancona, Venezia, Trieste, Roma, Pisa; ABS, CEI, FAR, SOR; *v. Zaba*; Benedetto Zabban (1831-1896), músico italiano
- Zabarra/Zabarro/Zabaro/Zabara (ibn)/Ça-Barra/Zavaro**; Gerona, Barcelona, Espanha, Maroc, Çanakkale; (O); **vinhateiro (zabbar)**; **vinocur**; EJU, JAN, LAR, JTO, RAF, VAR, ZUB; *v. Sberro*; Joseph ben Meir ibn Zabara (séc. 12), médico em Barcelona
- Zabela**; Pisa; TOA
- Zaboca**; Estremoz, Évora, Guarda, Lisboa, Santarém, Serpa, Ferrara; bef. 1492; FER, GON, PIM, TAV
- Zabona**; Lisboa, Évora; bef. 1400; FER, TAV
- Zabouri**; Constantine; (T); **Zaboura, Algeria**; EIS, JAN
- Zacaria**; Aleppo, Ciudad de Mexico; HAM; *v. Zacarias*
- Zacarias**; Toledo, Buenos Aires; bef. 1492; CEBA, EXP; *v. Zacaria*
- Zaccai/Zackai**; São Paulo, Cairo; BYSP, CKSP, JE42, MHSP; *v. Zakkai, Zackai*
- Zaccar**; Corfu; FAR
- Zaccaria/Zaccheria/Zakaria/Zaharia**; Italia, Livorno, Nissa, São Paulo; CKSP, JPF, ROS, SCH, VAR; *v. Zacarias*
- Zacharia Baruch**; Amsterdam; (X); KPIA; *v. Zacarias*
- Zacharias**; Greece, Rio de Janeiro; (B); **Deus se lembrou; God remembered**; CKRJ, MOI
- Zacharie**; Maroc; (B); **Deus se lembrou; God remembered**; EIS
- Zackai/Zaccai/Zakkai/Zakay**; Turkey, Cairo, São Paulo, Panama; BYSP, CKSP, CSPA, JDE, JE42, MHSP; *v. Zaccai*
- Zacur**; Aleppo, Pisa; JAC
- Zacuto/Zacutto/Zaccuto/Zacutti/Zacouto/Zacuto**; Silvera; Salamanca, Espanha, Castela, Amsterdam, Curaçao, Lisboa, Évora, Algiers, Tunis, Oran, Maghreb, Torino, Livorno, Venezia, Pisa, Çanakkale, Dutch Brazil, Buenos Aires; (C); **honra ao mérito, zekhut (hebr); merit honor, zekhut (Hebrew)**; bef. 1492; ABS, ATT, BAE, CEBA, CEI, EFW, EIS, EJU, ELN, EMM, HAL, JAN, JGFF, JMR, KPIA, MOK, PIM, ROS, SCH, SEF, TOA, VAR, VSO, ZUB; Abraham ben Samuel Zacuto (1452-1515), historiador nascido no reino de Castela; Zacutus Lusitanus (aka Manuel Álvares de Távora, 1575-1642), médico em Portugal, descendente de Abraham ben Samuel Zacuto
- Zaddic/Zaddik/Zadik/Zadique/Zadich**; Roma, Tunisie, Livorno; (B); **justo, piedoso; fair, merciful**; EIS, JAN, JPF, MIL, MOI, TOA
- Zadoq/Zadok (Ibn)**; Maroc, Toledo, Salonika; (B); **justo; fair**; bef. 1492; BAE, CMI, LAR
- Zaed**; Aleppo, Ciudad de Mexico, São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires; CEBA, CKRJ, HAM, NAS
- Zafrani/Zafran/Zaffrany/Zafrany/Zaffran/Zaffrana/Zafarani/Zaafarani/Zaafrani**; Ponta Delgada, Lourenço Marques, Cabo Verde, Algiers, Constantine, Agadir, Marrakech, Casablanca, Mogador-Essaouira, Maroc, Tunisie, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Paris, Marseille, France, Aleppo, Panama, Cairo; (O); **que vende açafão, amarelo; saffron seller, yellow**; ABE, ALL, ATT, CEBA, CHE, CKRJ, CSPA, DER, DOD, EJU, GUI, HAL, JAC, JAN, JE42, JTO, MSE, SEF, SIFX, SUT, TOL, ZUB; Haim Zafrani (1922), historiador do Marrocos
- Zagache**; Amsterdam; REM
- Zagal**; Porto, Aleppo; bef. 1492; DOD, TAV; *v. Abenzagal*
- Zagbib**; Tunisie; ALL
- Zagdoun/Zagdon/Zaghdoun**; Alexandria, Tunis, Sfax, Constantine, Algiers; (T); **Zagdon, fronteira entre Argélia e Marrocos**; ALL, EIS, GRT, JAN, JTA, SAK; *v. Zigdun*
- Zagha/Zaga**; Algiers, Aleppo, Damascus, Syria, Egypt, São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires; CEBA, CKSP, DOD, EIS, HLRJ
- Zaghal**; Aleppo, Cairo; BIG, DOD; *v. Zagal, Abençagal, Abenzagal*
- Zagouani/Zaghouni**; Tunisie; (T); **Zaghoun, Tunisia**; EIS, JAN
- Zagron/Zaghroun**; Tunisie; GRT, JTA
- Zagury/Zagouri/Zagoury**; Lisboa, Ponta Delgada, Angra do Heroísmo, London, New York, Algiers, Mogador-Essaouira, Debdou, Tanger, Larache, Safi, Sefrou, Fès, Rabat, Oran, Casablanca, Maroc, Gibraltar, São Paulo, Petrópolis, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Breves, Cametá, Belém, Vila Real, Macapá, Parintins, Amazônia; (T); **Zagura, Maroc**; ABE, BEL, BMBM, BYSP, CIBP, CKSP, DBJB, DBPN, EIS, ELN, GHRJ, HAL, HYA, JAN, JTA, JTO, MHSP, SBE, SHA, SIEF, VEL, YCMI, ZUB; David Zagury (1803-1896), rabino do Marrocos
- Zagzag/Zaksak**; Tunisie; ALL, GRT
- Zahalon/Zahlon**; Meknès, Marrakech, Maroc, Cairo, Ferrara, Roma; (C); **muito alegre; very happy**; JAN, JGFF, LAR, MIL
- Zahar**; Smyrna; (P); **hypo> Zacarias**; DOV, MOI
- Zahariya/Zejaría/Zajarias**; Sofia, Buenos Aires; (B); **Zacarias; Zachariah**; CEBA, UJL; *v. Zacarias*
- Zahra**; Tunisie; (T); **Ouled Ezzahra, Maroc; de flor (zahr)**; EIS
- Zaias (de)**; Málaga; JCB; Inquisição de Granada
- Zaibi**; Tunisie; ATT
- Zaide/Zaid**; Safed, São Paulo, Buenos Aires; CEBA, RMI
- Zaitoun/Zaitoune/Zaitun/Zaytun**; Livorno, Tunis, São Paulo, Rio Grande do Norte, Brasil, Buenos Aires; (A); **oliveira; olive tree**; CEBA, CHU, EIS, GRT, JPF, MSSP; *v. Zeitune*
- Zaken/Zakine/Hazaken/Zakin**; Tunis, Béja; (T); **Oulad Bou Saken, Maghreb**; ALL, ATT, EIS, GRT
- Zakkai/Zakay/Zakai**; Turkey, Cairo, Panama, New York; CSPA, JDE, SEH; *v. Zackai*
- Zaleon**; Smyrna, Livorno; FIL, JPF
- Zalmati**; Jativa, Tlemcen; bef. 1492; BAE, JAN; Zerahia Zalmati (séc. 14), rabino argelino
- Zamatto**; Verona, Roma, Venezia; CEI, FAR, MIL, SCH
- Zamero**; Maroc; JTO; *v. Zamerro*
- Zamerro**; Évora; bef. 1492; TAV, ZUB; *v. Abenzamerro*
- Zami**; Alexandria, Port-Said; OCI
- Zamlung**; São Paulo; BYSP, MHSP
- Zamor**; Constantine; JGFF
- Zamora**; Amsterdam; (T); **Zamora, Leon (Espanha)**; JCB, KPIA; Inquisição de Toledo; *v. Samora*
- Zamorani/Zemorani**; Ferrara, Bologna, Sermide, Milano, Pavia, Paris; (T); **Zamora, Leon (Espanha)**; BOL, CAF, COL, EMI, FAR, MAI, PIE, VCO; Sinédrio napoleônico; *v. Samorano*; Elsa Zamorani (1883-1944), morta em Auschwitz
- Zana**; Tunis, Nabeul, Sousse, Kairouan, Constantine; (C); **nobre; noble**; ALL, EIS, GRT, JAN
- Zanco**; Calabria, Tripoli, Libya, Alexandria; (C); **canhoto; left handed**; HAL, RAC, SAK
- Zancor**; Cametá; SHA
- Zandonati**; Venezia; CEI
- Zangouri**; Tel Aviv; MOK; *v. Zagury*
- Zangrande**; Verona, São Paulo; CKSP
- Zanzury**; Sfax, Kairouan; JAN
- Zaouach**; Constantine, Tebessa, Tunis; (A); **pássaro; bird**; EIS, JAN
- Zaoui**; Tunis, Sfax, Constantine, Ain Beida, Sétif, Bône, Saint-Arnaud, Algiers, Oran, Fès, Tafilalet, Salé, Rabat,

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / BIBLIOGRAPHICAL REFERENCES

PRINCIPAIS FONTES / MAIN SOURCES

ABE - Genealogia Hebraica. Portugal e Gibraltar, Séculos XVII - XX - José Maria Raposo de Sousa Abecassis (Lisboa, 1938), engenheiro português, iniciou esta obra em 1975 a partir de trabalhos recolhidos por seu pai, José Abudarham Abecassis (Sintra, 1911-Porto, 1985). A obra descreve as genealogias dos sefaradis de Lisboa e arredores, e sua etimologia (Laredo é a principal fonte).

São cinco volumes (um é índice), onde as famílias são classificadas por ordem alfabética de sobrenome. Assim temos no vol. 1, as famílias de Abeasis até Benhayon; vol. 2, de Beniso até Fresco; do vol. 3, de Gabay a Serfaty e no vol. 4, de Seriqui até Zagury.

Abecassis mapeou geneologicamente a comunidade judaica portuguesa contemporânea, basicamente formada por imigrantes do norte da África e de Gibraltar. Esses judeus se instalaram em Portugal aproveitando o enfraquecimento da Inquisição. A cada nome ele foi buscar no Maghreb a sua conexão remota correspondente. Por outro lado, muitas dessas famílias do Norte da África foram expulsas da Espanha e Portugal no final do século 15. Há famílias que Abecassis conseguiu recuar até os tempos anteriores à Expulsão.

Através das ketubot (contratos de casamento) recuperou o parentesco entre as pessoas, identificou as linhagens, biografou os personagens. Possui também uma riquíssima documentação fotográfica.

ABO - “Livro e Notas de Ydades Reduzido por my Ishack Aboab e copiado por my Mathatia do Senhor Ishack Aboab”, in Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira 2º Ishack e Mathatia de Ishack Aboab. Artigo publicado por I. S. Revah baseado numa genealogia da família Aboab de Amsterdã. O interesse está em que o autor estabelece os parentescos da família com ramos que se mantiveram cristãos e também mostra os troncos familiares.

ALB - Matrimonios en La Asociación Israelita de Venezuela: 1953-1998 (Maguén/Escudo nº 117, out/nov. de 2000), de Abraham Levy Benshimol. Pesquisa realizada nos livros de registros de casamentos da Asociación Israelita de Venezuela, fundada por judeus marroquinos. São 949 casamentos no período mencionado, explicados em vários quadros estatísticos. Nos interessou o que mediu a frequência do uso dos sobrenomes dos nubentes. Os quatro primeiros sobrenomes, tanto para homens quanto para mulheres são coincidentes: Cohen, Chocron, Levy e Benzaquen. V. GAR, AIVE.

ALT - “The Portuguese Jews of Salonica”. Artigo de David F. Altabé publicado na coletânea *Studies on The History of Portuguese Jews*, coordenada por Israel J. Katz e M. Mitchell Serels (New York, 2000). Nele são relacionados os membros das sinagogas portuguesas de Salonica. O trabalho baseia-se numa introdução publicada na *Haggadah* de Baruch Schiby, em 1970. São quatro sinagogas. A primeira delas é a Yahia, fundada por Dona Gracia Mendes e que tinha como seus membros: Aaron, Abravanel, Alcalay, Alfandari, Amar, Amariglio, Amon, Assael, Assayas, Benforado, Bourla, Cali, Capsuto, Conforte, Coutiel, Faraggi, Gordji, Guedalia, Hacoheh, Halevy, Hasson, Itzhaki, Masseri, Menashe, Mizrahi, Negrin, Ovadia, Papoushado, Passi, Reuben, Safan, Salmona, Saporte, Sciaky, Serero, Sides, Sulam, Toledano, Vosnali, Yacar, Yahiel. A segunda sinagoga é de Lisboa, dividida em Lisbon Yashan (A Velha Lisboa): Afias (*sic*), Bendavid, Benforado, Capon, Chitouvi, Cohen Ma'alé, Don Bénveniste, Elisha, Escaloni, Gaegos, Gavios, Hasday, Nahmias e Senor - e Lisbon Hadash (A Nova Lisboa): Abravanel, Alvo, Barouh, Benahmias, Castro, Couné, David, Kiner, Marcos, Naar e Saporta. A terceira sinagoga é chamada Évora: Aboav, Altaras, Amariglio, Amir, Attias, Bivash, Elmaleh, Ergas, Hacoheh, Maloro, Nadjari, Nahmias, Ovadiá, Pessa e Shiby (Ruvio). E a última delas, Portugal: Aelion, Arari, Attias, Barsion, Bueno, Campano, Cazés, Cohen, Galea, Israel, Leon, Masliah, Massaran, Matchorro, Medina, Melo, Meshoulam, Miranda, Moushon, Pereira, Raphael, Sadicario, Touvi, Trabaout e Yacar.

BIG - “Árvore Picciotto” (manuscrito datilografado), Alain Bigio. Genealogia dos descendentes de Daniel Pichoto (b.1605), família originária de Livorno e radicada em Alepo. Trata-se de um ramo que se tornou uma dinastia consular, representando potências europeias no Oriente.

BIR - The Grandees. America's Sephardic Elite, Stephen Birmingham. História romanceada dos primeiros judeus que habitaram os EUA. Era um grupo formado por originários de Portugal, vindos através da Holanda, do Caribe e da Inglaterra. O autor narra principalmente a intensa endogamia que se estabeleceu entre eles.

BIV - “Os Judeus no Artesanato, nas Profissões Liberais e no Comércio do Distrito de Bragança”, Luís de Bivar Guerra. Artigo no qual o autor, originário de família de cristãos-novos local, relata sobre a participação dos descendentes dos “conversos” nestas profissões, nomeando alguns notáveis desta origem.

OUTRAS FONTES/OTHER SOURCES

A

AAEA: *Amicale Alexandrie*, vol. 1-2, Association des Anciens Élèves d'Alexandrie; EUA, 1997.

AAK: David Altabé, Erhan Atay e Israel J. Katz. *Studies on Turkish-Jewish History: Political and Social Relations, Literature and Linguistics*, New York, 1996.

ABC: António Borges Coelho. *Inquisição de Évora. Dos primórdios a 1668* – vol. 1, Lisboa, 1987.

ABE: José Maria Abecassis. *Genealogia Hebraica. Portugal e Gibraltar. Sécs. XVII a XX*, 5 volumes, Lisboa, 1991.

ABF: Armand Aboaf. “Aboaf Family Tree”, Website, 1999.

ABH: Laurence Abensur-Hazan. “La Boz del Pueblo. Une source pour la généalogie des Juifs d'Izmir”, em *Cercle de Généalogie Juive* n° 49, t.13, Paris, 1997.

ABIM: Associação Brasileira Israelita Maimônides, lista de sócios, Rio de Janeiro, década de 1960.

ABO: Ishack e Mathatia de Ishack Aboab, “Livro e Notas de Ydades Reduzido por my Ishack Aboab e Copiado por my Mathatia do Senhor Ishack Aboab”, em *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira* 2º, Lisboa, 1961.

ABS: Laurence Abensur-Hazan. *Revue de Généalogie et d'Histoire Séfarades*, Paris, 1997 (em diante).

ABZ: Andre Cohen de Lara, *Árvore Benzaquen*; manuscrito, 1997.

ACA: Alberto Caracciolo, “Una Diaspora da Trieste: I Besso Nell'Ottocento”, em *Quaderni Storici* n° 54, pp. 897-911, Itália.

ADEI: Associazione Donne Ebreo d'Italia (Wizo); Milão, 1997.

AIVE: Lista de sócios eminentes da Asociación Israelita de Venezuela, Caracas, 1999.

ALB: Abraham Levy Benshimol, “Matrimonios en la Asociación Israelita de Venezuela, 1953-1998”, em *Maguén* n° 117, Caracas, out/nov 2000.

ALL: Bernard Allali. *La saga des noms des familles juives tunisiennes (em Le Voyage loisirs...)*, França, 1977.

ALT: David F. Altabé. “The Portuguese Jews of Salonica”, em *Studies on the History of Portuguese Jews*, New York, pp. 119-124, 2000.

AMF: Anne-Marie Faraggi-Rychner. “Le cimetière israélite de La Tour de Peiz en Suisse”, em *Etsi* n° 4, vol. 2, Paris, 1999.

AMI: Vários autores. *Scritti in Memoria di Attilio Milano*, Itália, 1970.

AND: António Alberto Banha de Andrade. *Judeus em Montemor-o-Novo*, Portugal, s.d.

ANT: George Anticoni. *Lista de membros da Sinagoga Sefardita de Londres*, Londres, 1999.

APC: António Pimenta de Castro. *Os Criptojudéus de Vilarinho dos Galegos*, Portugal, abr/jun 1996.

API: Avram Pinto. *Gli Ebrei di Sarajevo e della Bosnia-Erzegovina*, Roma, 1996.

ARB: Mordechai Arb. “The Portuguese Jewish Community of Madras, India in the 17th Century”, em *Los Muestras*, Brussels, 2001.

ARD: B.J. Arditti. *Les Juifs de Bulgarie sous le régime nazi, 1940-1944*, Holon, 1962.

ARI: Gabriel Arie. *Genealogie de la famille Arie (1766-1929)*, 1929.

ARM: Marcos Curzon. “Los primeros judíos en la Ciudad de Santa Fe”, em *Toldot*, Buenos Aires, mai 1999.

ART: Menachem Emanuele Artom. “Il registro di un circoncisore piemontese dal 1789 al 1837”, em *Rassegna Mensile Israele*, Itália, 1993.

ASC: Attilio Ascarelli. *Le Fosse Ardeatine*, Roma, 1945.

ASL: “Nota dei Mezzani ebrei di Livorno approvati nel 1765”, em *Archivio Storico*, Itália, 1989.

ATT: Robert Attal e Joseph Avivi. *Registres Matrimoniaux de la Communauté Juive Portugaise de Tunis. XVIII-XIX Siècles*, Madrid.

AWN: Anita Novinsky. *Inquisição: prisioneiros do Brasil. Séculos XVI-XIX*, Rio de Janeiro, 2002.

AZE: J. Lúcio de Azevedo. *História dos Cristãos-Novos Portugueses*, Lisboa, 1989.

B

BAC: *Rassegna Mensile d'Israele – Scritti in onore di Riccardo Bachi*, Itália, 1950.

BAE: Yitzhak Baer. *A History of the Jews in Christian Spain*, I, II, Philadelphia, 1992.

BAR: R. D. Barnett e P. Wright. *The Jews of Jamaica. Tombstone Inscriptions 1663-1880*, Jerusalem, 1997.

BCL: Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal). *Memórias Arquelógico-Históricas do Distrito de Bragança*, Bragança, 1925.

BED: Guido Bedarida. *Ebrei d'Italia*, Livorno, 1960.

BEI: Alexander Beider. *A Dictionary of Jewish Surnames from the Kingdom of Poland*, Avotaynu, New Jersey, 1996.

BEJ: Margalit Bejarano. *La Comunidad Hebrea de Cuba. La Memoria y la Historia*, Jerusalem, 1996.

BEL: Samuel Benchimol. *Eretz Amazônia. Os Judeus na Amazônia*, Manaus, 1998.